

ANNA CLAUDIA RAMOS

NUMA FRAÇÃO
DE SEGUNDOS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ramos, Anna Claudia
Numa fração de segundos / Anna Claudia Ramos. -- São Paulo :
Paulinas, 2018..

ISBN 978-85-356-4417-3

1. Inclusão - Literatura juvenil 2. Literatura juvenil 3. Superação I. Título.

18-17508

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Histórias de superação : Literatura juvenil 028.5
Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

© 2018 by Anna Claudia Ramos

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editora responsável: *Maria Goretti de Oliveira*

Editora assistente: *Christiane Angelotti*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Ana Cecília Mari*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Produção de arte: *Jéssica Diniz Souza*

Imagem capa: *Fotolia – © tatadonets*

1ª edição – 2018

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500
<http://www.paulinas.com.br>
editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2018

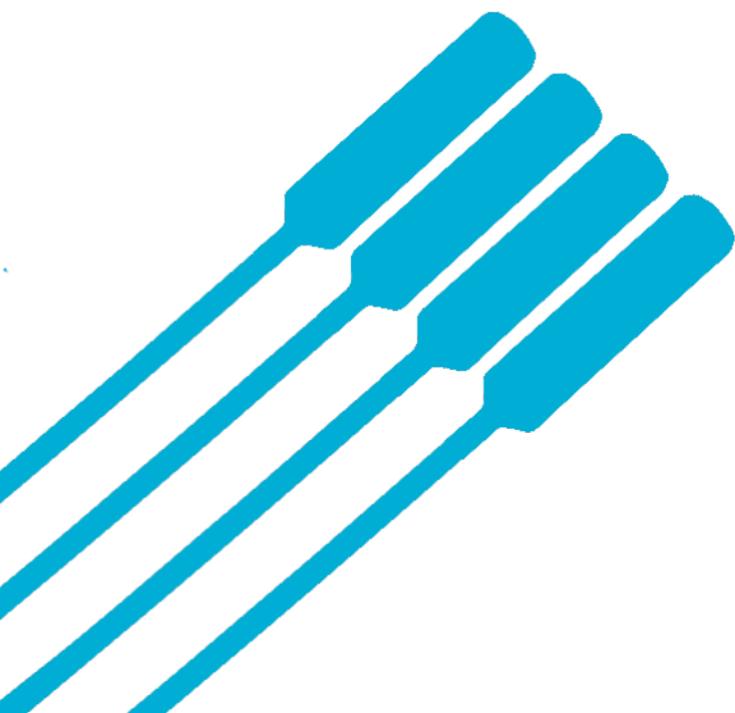


Para Francisco, Lucas, Pedro e Victor, que,
além de me ensinarem a remar,
me apresentaram ao Isaac.

E para Cesar e Marquinhos,
que chegaram para somar neste time de professores.

E para Isaac, pela ajuda, amizade,
e por sua história incrível.





Meu nome é Andrei. Descobri que a facilidade não tem gosto de vitória.

Resolvi contar minha história depois de a Aurora tanto insistir. Não queria. Achava minha vida um nada. Nunca imaginei que tivesse o que dizer depois de tudo. Acontece que a Aurora não me deixou em paz, enquanto não falei: “Tá bem, eu vou escrever!”.

Ah! Antes que pensem que isso é uma espécie de diário ou livro de autoajuda, vou logo dizendo que não sei o que é, mas não estou nem aí para o que vão dizer. Se eu conseguir ajudar as pessoas, beleza, esse é o intuito.

Quando eu estava no meio daquelas ferragens, sem conseguir me mexer, mal conseguindo respirar, eu só pensava que a vida tinha acabado ali. Não sei explicar, mas senti isso tão forte dentro de mim! Quando o socorro chegou, eu me lembro de ter dito: “O meu amigo” ... e mais nada.

2

Acordei no hospital, ainda sem entender muito bem o que estava acontecendo. Meus pais não perceberam que eu tinha acordado. Eles estavam em um canto do quarto. Minha mãe chorava abraçada ao meu pai: “Como vamos contar para o Andrei, meu bem?”. E meu pai respondeu que precisavam ser fortes, porque eu iria precisar deles mais do que nunca.

Comecei a chorar, primeiro tentando abafar o choro para que eles não percebessem, mas não consegui. Depois, com a certeza de que nunca mais andaria. E pior, precisaria de alguém cuidando de mim para sempre. Desandei a chorar igual a um bebê. Meus pais imediatamente entenderam que eu tinha escutado e vieram me abraçar. Ficamos os três juntos por sei lá quanto tempo. Até que eles se olharam de um jeito que me fez entender que a coisa era grave.

– Filho, precisamos conversar.

– Eu não vou mais andar, né? – perguntei na lata.

– Não, meu querido, não vai. – meu pai respondeu, tentando segurar o choro. E olha que poucas vezes na vida vi meu pai assim.

– Mas não é só isso, meu amor.

– Ai, mãe, o que foi? O que mais pode ter acontecido?

– O Nilo, filho.

– O que tem o Nilo, mãe? Eu quero saber como ele está.

Meus pais se olharam mais uma vez. Não podia acreditar que o que se passou pela minha cabeça pudesse ser verdade.

– Mãe, não me diga que aconteceu alguma coisa ainda pior com o Nilo, por favor...

– Filho, o Nilo não aguentou os ferimentos. Ele foi enterrado durante o tempo em que você estava em coma. Sentimos muito.

Nessa hora eu perdi a cabeça e gritei tanto, mas tanto, que tiveram que me sedar. Não podia acreditar que aquilo estava acontecendo. Esbravejei contra tudo, contra Deus, contra a vida. Não conseguia acreditar em mais nada. E a última coisa que berrei foi: “Além de perder meu melhor amigo, fiquei paraplégico. Minha vida acabou. Queria ter morrido também”.

Coitada da minha mãe. Quando falei isso, ela chorou de se acabar. Meu pai não sabia o que fazer, não sabia se acalmava a mulher ou o filho. Pior é que, quando me lembro dessa cena, imagino a dor do meu pai, mas na hora não imaginei nada. Não queria falar com mais ninguém, queria apenas sumir do mundo. Queria morrer!

3

Voltar para casa foi um horror. Tudo era novo, tudo era adaptação. Palavra que me acompanhou por meses, essa tal de ADAPTAÇÃO! Peguei tamanho horror a essa palavra, que até hoje não consigo escutá-la sem sentir certo arrepio na alma.

Sair da cama do hospital, sentar numa cadeira de rodas, sair da cadeira de rodas, entrar no carro, sair do carro, voltar para a cadeira de rodas. A vontade aqui era escrever um palavrão, que foi o que eu disse naquela hora, e BEM SONORO! Mas a Aurora me fez jurar que não iria escrever palavrões no meu livro. Ela detesta palavrões. Então, a pedidos, não escreverei. Mas que eu disse, ah! eu disse!

Pense bem: você sofre um acidente de carro, seu melhor amigo morre, você fica paraplégico, seus sonhos acabam ali e você ainda precisa ser comportado. Sem chance!

E, para piorar a situação, além de você saber que vai passar o resto da vida numa cadeira de rodas, quando volta do hospital e chega em casa, se dá conta de que mora num prédio que não tem acessibilidade.

Pura revolta! E meus pais tentando me acalmar.

Eu tinha acabado de fazer 19 anos e o mundo era promissor. Havia combinado com meus pais que passaria um ano viajando antes de cursar a faculdade. Já estávamos começando a organizar tudo, quando fui passar o fim de semana com o Nilo numa praia sensacional que ele tinha descoberto.

Nilo estudou comigo desde o jardim da infância. Somos como irmãos, já que nós dois não temos irmãos. Mas, espera, não posso mais colocar essa frase no presente, o Nilo não está mais aqui. Que dor é pensar na minha vida sem meu melhor amigo, mas vamos lá. Agora não é hora de chorar, é hora de escrever, prometi a Aurora, vou cumprir.

Essa viagem era para comemorar o fim do ensino médio. Fomos surfar e voltávamos para casa, quando um cara fez uma ultrapassagem na curva e entrou de frente no nosso carro. Não deu tempo de desviar. Quando o Nilo viu o carro saindo detrás do ônibus em plena curva, não pôde fazer nada.

Pense só: numa fração de segundos, sua vida muda completamente. Seus planos, que até um mi-

nuto atrás eram perfeitos, vão para o espaço, porque nada mais vai acontecer, e tudo por causa de um sujeito que nem sei quem é e nunca vou saber, porque ele morreu. Sei que é horrível o que vou dizer, mas, quando soube que ele não tinha sobrevivido, pensei: “Benfeito!”.

Mas, no fundo mesmo, queria ter morrido também. E comecei a me perguntar por que só eu tinha sobrevivido àquele acidente? Por que só eu teria que passar por essa provação?

Passei dias trancado no quarto. Nem as cortinas eu queria abrir. Pudera, morava de frente para a Lagoa. Da minha janela, via o clube de remo onde eu remava quase todas as manhãs. A Lagoa estava ali, na minha frente. Aliás, estaria todos os dias, eu é que não estaria mais nela, remando.

Pensar nisso me deu uma angústia, um vazio. Nada mais tinha sentido, minha vida havia se reduzido a um nada, a uma cadeira de rodas e uma solidão infinita. Quem ia querer namorar um paraplégico?

Estava em meio a esses pensamentos, quando comecei a ouvir um som vindo da sala. Era meu pai, tocando seu piano. Ele é um apaixonado por música clássica, toca piano desde criança, mas por *hobby*, e vive ouvindo essas “coisas” que nunca entendi bem. Mas, naquele dia, eu o ouvi tocando na sala. Já era tar-

de, e aquele som foi invadindo meu quarto e aumentando a minha agonia. Era muito angustiante, mas não conseguia parar de escutar. Era como se eu precisasse daquela música. Achei aquilo uma loucura.

Quando meu pai parou de tocar e passou pelo meu quarto para me dar boa-noite, perguntei: “Pai, de quem era aquela música que você estava tocando?”. Ele apenas respondeu: “Chopin”. E saiu do meu quarto me desejando boa-noite.

Passei a noite escutando esse tal de Chopin no volume máximo. Ainda bem que existem fones de ouvido e internet.

Chorei a noite inteira. Fui vencido pelo sono, quando os primeiros raios de sol tentavam entrar pelas frestas da grossa cortina do meu quarto.

5

Passsei dias falando apenas o estritamente necessário. Minha rotina se dividia entre ir a médicos, psicólogo (que meus pais achavam que era importante) e fazer NADA, absolutamente NADA. Afinal, minha vida tinha acabado ali. Sem amigo, sem viagem para o exterior, sem planos e sem faculdade. Pelo menos tinha terminado o colégio. Imagine que horror ter que ir de cadeira de rodas. As pessoas iriam ficar com pena de mim e me olhar com aquela cara de quem pensa: coitadinho, um menino tão bonito e ficou paraplégico, que fatalidade...

Nossa! Pelo menos dessa provação eu me safei. E ainda bem que estávamos em janeiro, férias de verão. A maior parte da minha turma não estava no Rio.

Eu não queria encontrar ninguém, não queria falar com ninguém. Levei semanas para abrir meu computador e ler as mensagens. Pelo celular, eu até via que chegavam, mas não tinha coragem de ler.

Passava os dias com as cortinas fechadas, os fones no ouvido, Chopin no volume máximo tentando me dizer alguma coisa com sua música e eu sem enten-

der nada. Estava escutando algo que até eu sofrer o acidente detestava.

Ah! E também passava o dia olhando para aquela cadeira de rodas infeliz que veio morar no meu quarto.

Foram semanas assim, sem atender o telefone, sem querer ver ninguém, com meus pais tendo que dar desculpas e mais desculpas quando uma pessoa da turma ou do remo ligava. Os professores vieram me visitar, mas nem eles eu queria ver. Sobretudo eles. Afinal, eu nunca mais iria remar. Nunca mais praticaria esportes de que tanto gostava.

Até que um dia deu a louca na minha mãe. Ela, que sempre me respeitou, que nunca tomou atitudes drásticas, abriu a porta do quarto e:

– Chega, Andrei! Já deu, né? Como você mesmo gosta de falar. Não dá mais pra ficar aqui trancado no quarto e ainda por cima nesse breu, com esse fone de ouvido (ah! Preciso explicar que ela “arrancou” o fone do meu ouvido), sem querer falar com ninguém. Até quando você vai se esconder? Essa é sua vida agora, meu filho, vamos encará-la?

– Tá maluca, mãe? Eu não quero sair daqui. Eu não tenho mais vida. Minha vida simplesmente acabou naquele fatídico dia.

– Não, Andrei. A vida do Nilo acabou. A sua está aqui, e precisa continuar. Seu café está na mesa. Vamos lá, você precisa começar a aprender a ter mobilidade em casa. Aliás, vamos viajar por uns dias para que o seu Pedro termine a obra que começou, enquanto você estava no hospital. Vamos passar uma semana na casa dos seus avôs.

– Na casa dos meus avôs, mãe!? Agora você en-doidou de vez. O que vou fazer naquele condomínio no meio de uma estradinha de uma cidade de serra?

– Exatamente o que você está fazendo aqui: NADA!

E minha mãe saiu do quarto me deixando sozinho com aquele NADA na cabeça e um sol intenso entrando pela janela e invadindo o meu quarto.

Muito doido. Meus pais tiraram uma semana de férias juntos, em pleno mês de março. Eu não ia à casa dos meus avôs fazia um tempo, nem me lembrava de que tinha um banheiro adaptado, ou talvez nunca tivesse me dado conta disso. Achei melhor nem perguntar se era por minha causa. Já bastava terem feito obras na minha casa, na portaria do meu prédio, na calçada em frente de onde eu moro. Não queria mais falar sobre esse assunto, aliás, era por conta das obras na minha casa que estávamos com meus avôs.

Passei a semana inteira com meu avô, um cara para lá de forte, apesar da idade, empurrando minha cadeira de rodas pelo condomínio onde mora. Vovô adora plantas, ficou lá falando sobre elas, do tempo do plantio, do cuidar, da colheita, mas confesso que na hora eu não queria conversa. Mas ele não estava nem aí, ele falava assim mesmo. E todas as noites papai tocava algumas músicas no piano da vovó.

Nossa! Fazia muito tempo que não via meu pai sorrir como sorriu naqueles dias. Foi bom ter todos juntos. Por um breve momento, até me esqueci de

que estava numa cadeira de rodas, tanto que uma hora tentei me levantar e caí no chão. Foi tenso. Todos se olharam e eu ali, no chão, engolindo o choro. Minha avó veio correndo tentar me ajudar, mas meu pai a segurou:

– Ele precisa aprender a se virar sozinho, mamãe. Vamos lá, Andrei, forças! Segura aqui e coloca força nos braços, você consegue!

Quando consegui voltar para a cadeira, naquele momento tenso, com todos me olhando e eu morrendo de raiva do meu pai que não deixou ninguém me ajudar, queria berrar, mas engoli a seco a raiva e provei para ele que era capaz de me virar sozinho.

Depois, meus avôs foram se deitar e minha mãe foi comigo até o quarto, me ajudou a trocar de roupa e saiu sem comentar nada. Senti que, se falasse alguma coisa, ela desabaria.

Enquanto isso, na sala, meu pai tocava Chopin desesperadamente e tentava abafar o choro, mas, no silêncio da noite, naquele lugar mais silencioso ainda, pude ouvir seu lamento.

Quando voltei para casa, já tinha alguma mobilidade. Tudo bem, em casa era simples, estava tudo adaptado para minha nova vida. Queria ver nas calçadas, mas ainda bem que não precisaria andar sozinho pelas ruas. Era o que eu pensava.

Depois da viagem, meus pais retornaram à rotina que tinham antes do acidente. Como se quisessem me dizer: vida que segue.

Minha mãe todos os dias abria as cortinas do meu quarto, antes de ir trabalhar.

Por muitas semanas gritei implorando que fechasse, mas ela nunca fazia isso. Apenas dizia: feche você mesmo! E virava as costas sem dizer mais nenhuma palavra. Nunca fechei.

Numa dessas tardes, sozinho em casa, senti vontade de ir até a janela. Olhei para a Lagoa. Nossa! Como gosto desse lugar. Se tivesse que escolher o lugar mais lindo da minha cidade, eu escolheria a Lagoa.

Meu pai já tinha perguntado quando eu iria visitar a turma do remo, disse que eles não cansavam de ligar aqui para casa perguntando por mim, já que eu não atendia o celular. Eu sempre respondia: Nunca!

Mas no dia que resolvi olhar pela janela, vi algumas pessoas remando e eu ali, sentado naquela cadeira, com Chopin “berrando” nos meus ouvidos, o sol gritando lá fora e as lágrimas escorrendo pelo

meu rosto. Nunca mais aquilo me pertenceria. Nunca mais...

E essa virou a rotina dos meus dias. Olhar pela janela e ver as pessoas remando, de longe.

Um dia meu pai voltou mais cedo do trabalho e me perguntou se eu gostaria de ir até lá. Não quis. Foi quando ele quis saber por que eu não me tornava atleta paralímpico. Soltei uma gargalhada.

– Ô, pai, você deve tá maluco, né? Eu não era atleta do clube, só remava por curtição.

– Quem sabe agora você se torna atleta, já que gosta tanto de esportes?

– Gostava, pai, gostava... não gosto de mais nada!

– Chega de tanta amargura, Andrei. A vida não acabou. Estamos tentando ajudar, mas você não facilita, fica aqui, trancado, parecendo um morto-vivo. Você acha que está sendo fácil pra mim e pra sua mãe?

– Pra vocês é mais fácil, com certeza, vocês andam. Quem ficou paraplégico, fui eu.

– É verdade, mas não morreu... deve existir algum propósito. Mas, se quer ficar aqui, com pena de você mesmo, fique.

Meu pai saiu do quarto engolindo as palavras e foi para a sala tocar o piano. Eu, ele e Chopin, cada um em seu lugar, mas unidos de alguma forma.

Eu estava mergulhado nas palavras do meu pai: “A vida não acabou, quer ficar aqui, com pena de você mesmo, fique”, quando olhei pela janela e vi uma cena inédita: uma jovem que devia ter uns 20 e poucos anos, passando em frente ao meu prédio, mas pelo lado da Lagoa. Ela estava numa cadeira de rodas, sendo empurrada por um dos professores de remo, com mais dois atletas do clube, e rindo de se acabar.

Quem seria aquela jovem? Como ela podia sorrir, se estava em uma cadeira de rodas?

Passei dias procurando por ela pela janela. Ia religiosamente todas as tardes no mesmo horário, na esperança de vê-la novamente. Mas ela não apareceu mais.